

Elas nas ciências

Carreira

Apesar do avanço em relação à participação feminina, as mulheres ainda buscam formas de entrar e permanecer na área científica

Em grande parte da história, as mulheres sempre foram escanteadas em todas as áreas da vida – o exemplo de mulher era a que vivia apenas para o cuidado dos outros sem cogitar uma carreira para si. Há avanços nessa questão, mas as mulheres ainda lutam pelo seu espaço na ciência. Segundo relatório da Elsevier intitulado “A jornada do pesquisador através de lentes de gênero”, de 2020, embora a participação das mulheres na pesquisa esteja aumentando em geral, a desigualdade permanece. De acordo com o relatório, que analisou diversos países, incluindo o Brasil, de 2014 a 2018, a participação feminina na ciência somou 38% do total. Ainda assim, em média, as pesquisadoras publicam menos que os homens em todos os países.

Segundo a professora de Física da UFRGS Márcia Barbosa, a falta de representatividade feminina no campo científico é maior quando se eleva o grau de carreira. No início da jornada acadêmica, a presença feminina gira em torno de 60%, mas cai para 25% nas formações posteriores. Nas ciências exatas, a disparidade aumenta: menos de 20% na graduação, 5% em doutorados. Se comparado aos dados de 20 anos atrás, o parâmetro melhorou, mas de forma lenta, aumentando menos de 5% no percentual geral.

Para Márcia, medidas compensatórias de universidades ajudaram a melhorar os dados, priorizando mulheres mães para vagas de bolsa de pesquisa e incentivando projetos voltados para a participação feminina, além de políticas públicas nacionais, como a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres. “A UFRGS é uma das universidades que tem mais articulação com políticas públicas”, relata a professora. “Mas, ao mesmo tempo, essa movimentação tem que se transformar em políticas que venham de cima para baixo, passando por essas Secretarias,



Projeto de extensão do Instituto de Física e Meninas na Ciência estimula a participação feminina na área científica desde 2013

com mulheres nas posições de poder”, complementa.

Ela ressalta que, para a desigualdade de gênero na Universidade seguir diminuindo, deve-se combatê-la dentro de cada departamento. “É importante existirem movimentos que articulem na base e que gerem a movimentação da comunidade em todos os setores”, afirma.

Incentivar para abrir portas – Uma das iniciativas que procura estimular a participação feminina na área científica é o Meninas na Ciência, projeto de extensão do Instituto de Física da UFRGS criado em 2013. Parceria entre pesquisadoras da Universidade e escolas da rede pública, o projeto busca promover a presença de meninas na área de Ciências e Tecnologias, por meio de atividades de divulgação científica, oficinas e cursos de robótica. De acordo com as professoras Daniela Pavani e Carolina Brito, coordenadoras do Meninas na Ciência, a ideia é atrair meninas para as áreas das engenharias, física e computação.

Em parceria com a UFRGS TV, o projeto também desenvolve o programa Lugar de Mulher, que é uma das ações que visa à criação de um modelo de representatividade através de entrevistas com mulheres de diversas áreas, níveis de escolaridade e culturas. O Meninas na Ciência age para levar ciência para as escolas, mas também atua para que estudantes conheçam o meio universitário. Com a ação “Gurias, partiu

UFRGS!”, a iniciativa leva as alunas para conhecerem laboratórios, pesquisadores e discentes. “É muito comum ouvirmos das meninas ‘eu vi pessoas como eu na universidade’. Então, quando falamos que representatividade importa, é isso. As meninas enxergam pessoas como elas naquele lugar, fortalecendo a ideia de que aquele espaço lhes pertence também”, destaca Daniela Pavani.

A estudante Millena Borba foi uma das alunas que participou das ações do Meninas na Ciência enquanto estava no primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Odila Gay da Fonseca, na zona sul de Porto Alegre. Com o programa, Millena acompanhou aulas no Câmpus do Vale, participou de oficinas de robótica, visitou o Museu de Paleontologia da UFRGS e os laboratórios da Universidade. “Foi uma experiência única e especial na minha vida, abriu meus olhos para novas oportunidades, me fez ver todo o potencial que havia em mim”, afirma. Apesar de não ter entrado para o ensino superior na área de ciências e tecnologias, ela aproveitou o incentivo para seguir seu sonho: que o balé fosse não só um hobby, mas uma profissão. Com a nota do ENEM, ela conquistou uma bolsa integral para cursar Educação Física na UFRGS.

Outro trabalho que visa trazer visibilidade feminina é o Enigma, voltado para a área da informática e computação. Idealizado em 2014 pela professora de Cul-

tura Digital Clevis Rapkiewicz, o projeto é ligado às áreas de Informática e de Artes do Colégio de Aplicação da UFRGS, e foi motivado por experiências de vida de Clevis, que vivenciou

Segundo a professora de Física da UFRGS Márcia Barbosa, a falta de representatividade feminina no campo científico é maior quando se eleva o grau de carreira

o machismo na academia, e pelo esquecimento de trabalhos de mulheres que revolucionaram a sociedade. Atual coordenadora e docente do Colégio de Aplicação da UFRGS, Rute Favero alega que suas motivações para participar do Enigma se unem às de outro projeto no qual trabalha: o Museu Virtual de Informática (Muvin), que aborda a história da área. “A história da mulher faz parte da história da informática, e eu quero contar isso no Muvin”, ressalta Rute.

Por ter bolsistas de diferentes áreas atuando no projeto

(duas alunas das Engenharias e três de Artes Visuais), Rute diz que, dessa forma, se consegue trabalhar com os aspectos tanto artísticos quanto técnicos em oficinas e exposições, como a mostra realizada entre outubro e dezembro de 2021 na Casa de Cultura Mário Quintana, que apresentou obras feitas com lixo eletrônico a fim de trazer relatos de mulheres presentes na história da informática.

O cenário brasileiro na área de Computação e de Informática não difere muito do de outros países: as mulheres são minoria. Na UFRGS, segundo dados do Sistema Eletrônico de Informações (SEI-UFRGS), cursos das ciências exatas possuem uma grande diferença entre os sexos, sendo 10,12% de alunas na Engenharia de Computação, 13,20% na Ciência da Computação e 9,25% em Engenharia de Controle e Automação. “Temos um número de mulheres que não se formam porque elas não veem perspectivas, principalmente porque é negado a elas o mercado de trabalho”, alega a professora. “É muito importante que cada vez a mulher se empodere mais. Eu venci os medos, isso vai te empoderando e mostra a coragem para outras mulheres, principalmente para as jovens”, complementa.

Geovana Benites e Gabriel Giordani, estudantes de Jornalismo da UFRGS